

VIOLISTA YURI BASHMET NO BRASIL **EVENTO:**

VEÍCULO:

P14.36

O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: PÁGINA: 09 abr 96 D-2

SEÇÃO:

CADERNO 2

CDMC

Yuri Bashmet defende o prazer de interpretar

Violista russo se apresenta de hoje a quinta, em SP, para comemorar dez anos de Os Solistas de Moscou

> CARLOS HAAG Especial para o Estado

erguntam ao violinista de uma orquestra: se ele pudesse matar, impunemente, dois membros desse grupo, quem escotheria? "Primeiro, o maestro, e depois, o violista", diz. "E por que nessa ordem?", perguntam. "Primeiro o dever, depois o prazer", responde o violinista. O autor da piada é o violista russo Yuri Bashmet, um dos maiores virtuosos da viola, e, nas horas vagas, um colecionador voraz de piadas sobre o seu instrumento.

Defensor ferrenho da viola, vítima favorita da língua ferina dos músicos de orquestra, Bashmet confessa que demorou a descobrir a paixão pelo instrumento. Na adolescência foi um guitarrista cabeludo, de bigode à

Maestro e um dos

grandes solistas da

atualidade consolidou

a fama do instrumento

tarrista pop, ou, na pior das hi-

póteses, violinista, um perigo

real e imediato,

pois, estudante da

escola de música

de Lvov desde os 8

anos, chegou a ser

o melhor aluno de

violino de seu gru-

mado face ao fe-

nômeno Jimi Hen-

drix e também

Porém, desani-

emorou, mas vingou. O

ucraniano Yuri Bashmet

queria mesmo era ser gui-

George Harrison. Namorou o violino e só depois entregou-se à injustiçada

Seu talento musical levou-o também à regência. A primeira tentativa, ao fundar a Orquestra Moscou-Montpellier, frustrou-se. Bashmet não desistiu e criou Os Solistas de Moscou, com os quais se apresenta, de hoje à quinta-feira, no Cultura Artística, na turnê comemorativa dos dez anos do conjunto.

Estado — Vista como algo entre o . violino e o cello, a viola chega a ser desprezada pelos músicos. Como você chegou a ela?

Yuri Bashmet - Aos 14 anos, vendo o sucesso que os Beatles faziam na Rússia pós-stalinista, decidi criar um grupo pop e fiquei mesmo popular como guitarrista em Lvov, na Ucrânica, minha cidade natal. Mas, desde os 8 anos, aprendia violino na escola de música. Chegou o dia em que eu tinha que tomar uma decisão. Um amigo que tocava viola falou sobre as dificuldades de se estudar violino. Disse que, com a viola, mais fácil, teria tempo livre para tocar guitarra. Mas Jimi Hendrix virou moda e, naquela época, eu não o entendi. Pensei: tocar guitarra assim eu não quero.

Estado — Foi então Hendrix quem o levou à viola?

Bashmet — (risos) Pode-se dizer que sim, mas só mais tarde é que passei a admirar Hendrix. Mas ao mesmo tempo havia um concurso à vista e minha mãe aconselhou-me a seguir a música erudita. Tudo se juntou e, ao ganhar o concurso, larguei o pop e fui estudar viola no Conservatório de Moscou. Mas quando ouço Pink Floyd ou Sting, tenho nostalgia do que teria feito.

Estado — Há lugar também para a música brasileira?

Bashmet — Em pop, não, mas quando ouvi a Bachianas nº 5, de Villa-Lobos, foi como uma explosão nuclear. A Rússia tem uma relação especial com o Brasil. Há um livro de

compatriota, Cidon Kremer,

Bashmet é um campeão da músi-

ca contemporânea e de seus

compositores, em especial de

Schnittke, que lhe dedicou um

concerto para viola e orquestra.

pelos sucessos e por seu progra-

ma de TV sobre música erudita, o

violista atendeu ao chamado pri-

mal da regência orquestral. Até

1982 tentou, sem sucesso, man-

ter a Orquestra Moscou-Mont-

pellier e, em 1986, aceitou criar

Popularizado em toda a Rússia



Yuri Bashmet: na adolescência. foi um guitarrista cabeludo e com bigode de George Harrison

Illya e Petrov (dupla de escritores soviéticos satíricos dos anos 20 e 30, de grande sucesso) que fala justamente do sonho infantil do protagonista de viajar ao Rio de Janeiro. O livro foi proibido pelas autoridades, porém todo mundo o conhece e, assim, o Rio virou sinônimo de sonho de criança, coisa de fantasia.

Estado — Você nunca pensou em unir a viola ao pop?

Bashmet — Acho que são coisas que não se misturam. Veja, fui profis-

sional do pop e soube como as coisas são. A música erudita é uma elegia de muitos insights, emocionante. Nela, quando se fala de amor, fala-se de Romeu e Julieta. No jazz, o amor leva ao

AS HORAS VAGAS, COLECIONA PIADAS

Estado — Você saberia definir a mágica da viola?

Bashmet - Pense comigo: enquanto o som do cello é suave e quente, o som do violino é muito brilhante. Já a viola tem aquele som místico, frio e filosófico. Bach dizia, quando a tocava, sentir-se dentro da polifonia. Outro fã da viola foi Mozart. Ela não é um instrumento entre o cello e o violino, mas está no centro de tudo e os outros dois é que se posicionam à esquerda e à direita da

Estado — Você é muito ligado à música contemporânea. A viola é um bom instrumento para os sons modernos?

Bashmet — O melhor. Vivemos o final do século e do milênio. A viola é um instrumento mais filosófico que cellos e violinos e esse é o tempo ideal para a sua sonoridade. Tudo bem que haja muitas piadas sobre ela. Aliás, você sabe por que as piadas de viola são curtas? Para que os violinistas consigam entendê-las e se lembrar delas (ri-

sos). Agora, a sério: a viola é um instrumento hermafrodita, mulher e homem, e, por isso, ela e o amor são sinônimos. Seu diapasão amplo é capaz de expressar o ser humano naquilo que é universal, o amor. A me-

lhor coisa que Deus nos deu.

Estado - E seu lado de regente? O que ocorreu com a Orquestra Moscou-Montpellier?

Bashmet — Para entendermos o seu fim, precisamos nos lembrar da Rússia dos tempos soviéticos, quando faltava comida e tudo mais. Foi nesse período que criei a orquestra. Eu dirigia um conjunto em Moscou, com pessoas entre 40 e 50 anos, que passavam necessidades. Surgiu, então, o vírus póssoviético — todos queriam deixar a URSS. Para salvar essa orquestra, aceitei um contrato em Mont-

pellier. Os integrantes se mudaram para lá. Fariam qualquer coisa para não perder a orquestra. Queriam que durasse para sempre, mesmo à custa da liberdade.

Estado — Mas há falta de liberdade na França?

Bashmet — As autoridades francesas eram socialistas, e o partido socialista francês não é nada democrático. Eram stalinistas, queriam poder completo sobre a orquestra. Não pude aceitar essas condições autoritárias porque a liberdade, para mim, é tudo. Já o pessoal da orquestra gostou. Sentia uma nostalgia do socialismo russo. Eu seria também obrigado a me mudar para para lá, mas não abro mão de morar em Moscou.

Estado — Como foi criar um novo grupo, após aquela experiência pouco animadora?

Bashmet — Eu não queria mais criar grupo algum. Mas a mulher de Sviatoslav Richter procurou-me e disse que havia jovens no conservatório que precisavam de minha ajuda. Recusei convites de outras orquestras e me dediquei a eles.

Estado — Fale sobre os dez anos dos Solistas.

Bashmet — A primeira formação pensava apenas em dinheiro estabilidade. Foi substituída por gente mais aberta, menos soviética, que sabe o que significa responsabilidade e disciplina.

Os Solistas de Moscou. Grupo de câmara que reúne 20 sexo e, no pop, ao músicos, todos alunos e profesorgasmo (risos).

sores do Conservatório Tchaikovski. Os Solistas é hoje o melhor conjunto do gênero na Rússia. Já solaram a seu lado nomes como Richter, Rostropovich e Natalia Gutman, além de Bashmet, que, apesar da regência, não abre mão da viola. (C.H.)

Lugar ideal da viola é sempre na oposição à orquestra

iz o Dicionário Grove de Música sobre a viola: "Uma versão contralto do violino, com o qual se parece. As cordas são afinadas uma quinta abaixo da afinação do violino; a sonoridade, apesar de menos enérgica, mais do que se iguala à do violino em riqueza e calor

emotivo." Algo maior do que o violino, a viola é um dos instrumentos mais incômodos para se tocar, devido à extensão de seu espelho.

Vista como prima pobre do violino, refúgio de violinistas mediocres, a viola só ganhou espaço no Romantismo graças ao seu poder de expressar

a melancolia. Beethoven deulhe espaço no quarteto; Berlioz a fez solista; Ravel e Debussy a transformaram na filósofa da orquestra; e, finalmente, Bartók, Walton e Hindemith escreveram concertos em que a viola encontrou o seu lugar ideal: na oposição à orquestra. (C.H.)

FUNDOUÉO MELHOR DA RÚSSIA

GRUPO QUE

met — de que carreiras pops eram efemeras como as modas, mudou para a viola e, aos 18 anos, já laureado num concurso, entrou para o Conservatório de Moscou. Ao final do curso, ganhou o privilégio de ser o professor mais jovem contratado pela instituição que forma a nata musical russa.

Violista queria ser guitarrista pop

hooligan", costuma dizer Bash-

Alguns prêmios e concertos internacionais mais tarde, Bashmet consolidou a si e ao seu instrumento, em geral menosprezado em relação ao violino e ao violoncelo. Foi com ele que a vio-

la pôde entrar no avisado pela mãe — "Sem ela eu Scala de Milão e no Concertgeteria virado um gângster ou um bouw de Amsterda. Como seu